



HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

RESENHA SOBRE O LIVRO “TENDÊNCIAS E IMPASSES: O FEMINISMO COMO CRÍTICA DA CULTURA” DE HELOISA BUARQUE DE HOLLANDA

Anna Laís Schtine Azevedo Furtado¹
Universidade Federal de Alfenas
annalaisschtine@gmail.com

A autora Heloisa Buarque de Hollanda, atualmente, é vinculada ao Programa de Pós-Graduação Ciência da Literatura da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), dedica-se ao estudo da relação entre cultura e política, e ainda estuda áreas como poesia, relação de gêneros, culturas marginalizadas e outras culturas de periferia.

O livro “Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura” é um compilado de artigos que desenvolvem o caminho da crítica feminista, desde 1970 até a contemporaneidade, demonstrando seus objetivos e os sistemas de poder que transcorrem nas críticas literárias, ademais, tem a responsabilidade de dar voz a textos de mulheres que foram silenciados e/ou excluídos pela história da literatura.

A introdução da obra é feita pela própria autora que apresenta questões do feminismo pós-moderno, além de apontar o compromisso feminista de analisar o sistema de poder dentro das críticas literárias que legitima representações em detrimento de outras, ou seja, como dentro de críticas existem padrões patriarcais que prejudicam a escrita e a própria crítica de autoria feminina. Segundo Zinani (2012, p. 411), a crítica feminista esteve intimamente ligada ao feminismo, participando das tentativas de ruptura de moldes sociais impostos pelo sistema patriarcal.

Historicamente, pode-se apresentar o movimento feminista em três grande períodos ou ondas, como é mais conhecido, referindo-se à militância nos campos literário, cultural e político. Assim, pode-se afirmar que a crítica feminista sempre esteve inserida no movimento, acompanhando sua evolução (ZINANI, 2012, p. 411).

¹ Graduanda do curso Letras Espanhol: literaturas e língua espanhola – UNIFAL-MG



Além disso, Hollanda destaca a necessidade de um pensamento feminista de ponta estar ligado com uma abordagem teórica e metodológica e analisa duas vertentes de produção teórica feminista: o feminismo anglo-americano e o feminismo francês.

Durante os capítulos, nota-se a ênfase das autoras em denunciar a ideologia patriarcal que existe na crítica considerada tradicional, as escritoras indicam como é feita a escolha de cânones literários que também permeiam essa ideologia retrógrada, ou seja, utilizam da crítica literária feminista, definida por Zolin (2011, p. 219) como “[...] um modo de ler a literatura confessadamente empenhado, voltado para desconstrução do caráter discriminatório das ideologias de gênero, construídas ao longo do tempo, pela cultura”, para apontar os lugares ocupados pelas mulheres na literatura. O livro é dividido em três partes e cada parte possui três textos de autoria feminina que dialogam com o tema de cada divisão.

A parte I, denominada como “repensando a diferença”, tem como principal objetivo analisar os estereótipos apontados em relação à crítica feminista e a certa dependência que é imposta às escritoras em função da crítica literária masculina.

Essas questões, entre outras, constituem o substrato de uma crítica feminista que procura desconstruir os processos ideológicos tradicionais, discutindo as representações masculinas e femininas, a fim de colocar em evidência as questões de identidade de gênero (ZINANI, 2012, p.413).

As subdivisões discutem e analisam a crítica feminina associada aos contextos de cada época, além de demonstrar questões que são importantes e empíricas na escrita da mulher, como a questão biológica, a própria linguagem e o psicológico feminino. Essa primeira parte explicita as diferenças e as questões envolvidas na escrita feminina, diante disso, as autoras enfatizam a escrita distinta como algo positivo, desconstruindo padrões impostos pela crítica literária construída por homens.

A segunda parte nominada “Questão Nacional” perpassa pela questão histórica feminina que ocorreu na América Latina, demonstrando como foi criada a identidade da mulher e principalmente, o padrão feminino de beleza e de inferioridade; por questões sociais, as mulheres eram direcionadas a certos papéis dentro da sociedade e excluídas de outros.

Nessa subdivisão, notam-se processos de escrita de personagens femininas que contém a sensualidade e delicadeza afloradas. Mais uma vez, percebe-se como a questão de fragilidade é ligada ao corpo e a questões biológicas, já que os corpos femininos podiam receber e gerar seus filhos, as morais da sociedade patriarcal resumiam a vida das mulheres, somente, à reprodução e à maternidade como explica Zolin (2011, p. 222):



O corpo, portanto, é seu destino: menstruação, gravidez, parto, amamentação e educação dos filhos consistem nos primeiros sinais da natureza responsáveis pela inscrição da mulher, e não do homem, como o sexo destinado ao silêncio e ao emparedamento do espaço privado e na obscuridade. Nessa ordem de ideias, coube ao homem toda mobilidade, o espaço público, o domínio da palavra, o poder e, conseqüentemente, o direito de dominação (ZOLIN, 2011, p. 222).

Já na parte III “Impasses e perspectivas” observam-se textos com críticas mais explícitas referentes à política e histórias sociais. As autoras demonstram como a História sempre é contada por instituições e posições de poder, logo, de uma maioria. Esses artigos desenvolvem histórias alternativas que são analisadas e contadas pela minoria, nesse caso, a minoria feminina, analisando modelos patriarcais e machistas existentes por trás da história das mulheres, Zolin (2011, p. 222) confirma a ideia de estereótipo feminino na História e na Literatura:

Seja na seara literária, seja na histórica, as representações da imagem feminina que atravessam os tempos e estabelecem o pensamento simbólico da diferença entre os gêneros é, de um lado, o da mãe e esposa delicada, merecedora de todos os louvares e, de outro, o da Eva sensual e debochada, espécie de víbora maléfica e venenosa que se constitui em perigo e vergonha para a sociedade (ZOLIN, 2011, p. 222).

A partir disso, notam-se as limitações que envolviam o universo feminino, tanto no ambiente social como no literário, uma vez que não se encaixavam em uma posição exemplar, as mulheres eram consideradas não-dignas perante à sociedade.

O livro de Hollanda desenvolve críticas em função de padrões pré-estabelecidos e da história das mulheres, nota-se uma análise a crítica teórica literária e a história que trata como inferior obras de autoria feminina, o que, claramente, é desviado por essa obra, uma vez que todos os textos presentes são de alta qualidade e feitos com estudos de teóricos importantes, além de conter estudos de vertentes diferentes das consideradas tradicionais.

O texto é recomendado àqueles que desejam conhecer e analisar críticas femininas com um embasamento teórico e metodológico de ponta e para o conhecimento de padrões impostos pela sociedade por tanto tempo, além de demonstrar essas questões por vozes femininas, o que já é um grande diferencial, pois o texto abre caminhos para autoras que são excluídas e silenciadas por esses próprios moldes patriarcais.



Referências

HELOISA BUARQUE DE HOLLANDA. Institutos de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/pessoas/pastaheloisa-buarque-de-hollanda>>. Acesso em: 02 de jan. de 2020.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Tendências e impasses:** o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ZOLIN, Lúcia Osana. Reflexões sobre a crítica literária feminista. In: **Cultura e representação:** ensaios. Assis: Triunfal Gráfica e Editora, p. 219-230, 2011.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. Crítica feminista: uma contribuição para a história da literatura. **IX Seminário Internacional de História da Literatura**, p. 407-415, 2012.

Recebido em: 22/09/2020

Aprovado em: 10/11/2020